

# MONAQUISMO E PODER NA IDADE MÉDIA: O EXEMPLO DE SÃO BERNARDO DE CLARAVAL

Miriam Lourdes Impellizieri Silva\*

**SÍNTESE** - Durante a Idade Média, de todas as formas de vivência religiosa, uma se destaca, vista como a mais perfeita, a mais próxima de Deus: o Monaquismo. Os monges aparecem aos olhos dos contemporâneos como anjos, vivendo, ainda na carne, as delícias do Paraíso. Tal idéia construída, paulatinamente, ao longo dos tempos, ganha no século XII o seu mais tenaz e incansável defensor, o cisterciense Bernardo de Claraival. Este age para impor a supremacia do Monaquismo à Igreja e ao conjunto da sociedade cristã, objetivando fazer dos monges os seus guias e diretores.

**ABSTRACT** - During the Middle Ages, of all the forms of religious life, one stands out as the most perfect, and nearest to God: Monarchy. The monks appear in the eyes of the contemporaries, like angels, living in flesh and blood, the joys of Paradise. That idea, constructed slowly over the ages, received in the 12<sup>th</sup> century its most tenacious and tireless defender, the cistercian Bernard of Clairvaux. He imposes the supremacy of the Monarchy over the Church and Christian society, effectively making the monks his guides and directors.

Há muito pesquisamos o Monaquismo Medieval e, dentro deste tema tão vasto, São Bernardo de Claraival. A pessoa, os escritos, a ação deste homem tão distante no tempo e no espaço sempre exerceram inexplicável fascínio sobre nós.

Assim surgiu a idéia desta comunicação, onde procuraremos, a partir de Bernardo de Claraival, estabelecer as relações entre o Monaquismo e o Poder na Idade Média, a forma como aquele primeiro se organizou e os argumentos em que se fundamentou a idéia da supremacia monástica sobre a sociedade do seu tempo e no interior da própria Igreja.

## A reforma da Igreja e o neo-monaquismo

Diante da implantação da ordem feudal no Ocidente europeu que atinge profundamente as estruturas organizadoras da sociedade, a Igreja não poderia manter-se indiferente por muito tempo. Acaba por impor-se como missão conduzir as rédeas deste mundo para a salvação, não sem antes reformar-se para atender às novas exigências espirituais e políticas que se colocavam, então. Deve-se agir em vá-

\* Universidade Federal Fluminense - UFF e Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ.

rias frentes: libertar-se da tutela dos grandes senhores laicos, desenvolvendo uma doutrina político-religiosa de separação entre os poderes e de primazia do espiritual sobre o secular; moralizar e reorganizar o clero, exposto, em parte, ao relaxamento de costumes e a uma moralidade duvidosa; converter as massas que já se mostravam ansiosas por aderir ao movimento, ardentes de um novo zelo religioso.

Para atender a este programa a única saída possível é partir em busca das suas raízes na tentativa de resgatar seus valores primeiros. É o retorno às origens, a um tempo de ouro, a um passado perfeito, quando, segundo os *Atos dos Apóstolos* (4, 32-33), os cristãos tinham tudo em comum, eram pobres e felizes por isto.

Dois caminhos colocam-se para os clérigos, ambos tomados do passado sob nova roupagem: a vida apostólica ou a vida contemplativa. A primeira baseia-se na vida que levavam os primeiros cristãos, no ardor com que pregavam e convertiam (*cura animarum*) ao mesmo tempo em que, sem abdicar do mundo, viviam exclusivamente de acordo com o Evangelho.

Contudo, aqueles que assim pensam são, fundamentalmente, monges – os grandes artífices da reforma – a quem desde cedo ensinam a temer o mundo e suas ciladas, voltando suas vistas para o Além, em um penoso exercício de aprender a amar o que lhes é invisível – Deus – e a desprezar aquilo que vêem – o mundo material. Em outras palavras, a vida contemplativa, onde a busca de Deus deve consumir todo o tempo do cristão.

Desejo de fuga do mundo para salvar-se e desejo de imiscuir-se nele para salvá-lo. O desafio colocado para estes seres é o de aprender a equilibrar-se entre caminhos tão opostos e não, necessariamente, em escolher um deles. O tempo mostrará, porém, que a tentativa fracassará e o monaquismo, a partir do século XIII, perderá terreno diante de novas formas de vivência religiosa e terá seu poder influenciador reduzido, entrando em lenta mas inexorável decadência.

Cluny, que até a primeira metade do século XI esteve à frente de todo este processo, começa, paulatinamente, a ceder lugar a novas ordens, como Fontevraud, Cartuxa, Grandmont, Cister que a criticam pelo crescimento exagerado que conduziu à riqueza ostensiva e ao desvio do caminho ascético.

Dentre todas as novas ordens uma destacar-se-á, tornando-se a grande rival de Cluny em prestígio e em número de fundações, Cister. E isto, entre outras coisas, graças à atuação incansável de um monge que, indubitavelmente, é uma das maiores figuras do século, quiçá a maior da sua primeira metade: Bernardo de Claraval.

### **Bernardo de Claraval e sua obra**

"Que significado no povo cristão para que meus escritos sejam lidos nas igrejas? Que qualidades de gênio ou de expressão possuo [...]?" (S. Bernardo, *Carta* 398). É com estas palavras surpreendentemente modestas que São Bernardo responde aos monges de Monteramey que lhe pediram para compor um ofício em honra do seu patrono, São Vitor.

Quem poderia negar a importância deste homem que com suas palavras e sua presença impulsiona massas, comove e arrebatava os espíritos, cura corpos, resolve querelas, aconselha, critica, educa? De papas e imperadores a simples camponeses

não há quem não se sinta atraído por ele, de tal forma sua figura e sua personalidade impregnaram e moldaram a sociedade sua contemporânea, atuando em praticamente todos os grandes eventos religiosos e políticos da primeira metade do século XII.

Bernardo nasceu em cerca de 1090, em Le Dijon, sendo o terceiro filho do casal castelhano Alete de Montbard e Tecelino le Saur, senhor de Fontaine. Sabe-se pouco sobre sua infância e adolescência. Era dotado de rara sensibilidade, inteligência aguda e excessiva timidez. Contudo, o menino introspectivo e pensativo torna-se um homem brilhante, fascinante...

Sobre o fascínio que exercia e o encantamento que produzia em seus interlocutores os testemunhos são vários:

"Tendo entrado nesta cabana senti-me [...] penetrado de um tão grande respeito que, invoco Deus por testemunha, era como se tivesse subido ao seu altar sagrado. Experimentava tão grande felicidade em contemplar este homem e um tal desejo de partilhar sua pobreza e simplicidade [...] que, se me fosse dada a escolha, nada teria desejado mais que permanecer sempre ao seu lado para servi-lo",

escreve Guilherme de St. Thierry (Cit. Santos, 1990, p. 5) a respeito do seu primeiro encontro com São Bernardo.

Já para seu biógrafo Geoffrey d'Auxerre, todo o encanto de Bernardo provinha da sua pureza e doçura: "Eis porque este homem sabia captar [...] os corações de todo mundo, [...] de tal modo que não poderia dizer se era mais objeto de respeito ou de amor" (Cit. *Ibid*, p. 5).

Enquanto isto, Galand de Rigny exclama: "Este é Bernardo, cuja face todo o mundo deseja contemplar" (Cit. *Ibidem*, p. 9). E o abade Suger de St. Dinis pouco antes de morrer manifesta o desejo de ver uma única vez sua face angélica, para poder, assim, deixar o mundo com mais tranqüilidade (Cit. S. Bernardo, *Carta* 471).

Todos estes exemplos podem parecer de fidedignidade duvidosa por procederem de fontes cristãs, mas o que dizer de uma, vinda de um meio judaico – portanto insuspeita – que se refere à veneração de que Bernardo foi objeto entre os judeus alemães ao pôr fim ao massacre de que eram vítimas, durante a Segunda Cruzada?

"O Senhor teve piedade deles (os judeus). Enviou a estes velhacos (os cristãos), Bernardo de Claraval que lhes disse: 'Sigamos a Sião até o túmulo de Nosso Salvador. Mas evitai atingir os judeus! Tocá-los é como tocar na pupila do olho de Jesus, pois eles são os seus ossos e a sua carne.' Se a misericórdia de Deus não tivesse enviado este padre, não haveria um só judeu que tivesse escapado" (Cit. Vauchez, 1988, p. 53).

Na Páscoa de 1112, um ano após ter ouvido o apelo que Deus lhe dirigia, Bernardo ingressa no claustro de Cister, mosteiro fundado há apenas treze anos mas já famoso pela austeridade e disciplina. Contudo não vai só. Utilizando já os seus dons persuasórios levará consigo um grupo de trinta companheiros (parentes e amigos). Estes dons ele experimentará ao longo de sua vida e não é difícil para nós não deixar de acreditar nas palavras de seu biógrafo que afirmava ser impossível resistir-lhe e que para fugir dá sua atração e não ver os parentes seguirem-no, as mães escondiam os filhos, as mulheres trancavam os maridos em casa, os amigos afastavam os amigos pois "o Espírito Santo dava tal virtude à sua voz que os laços afetivos só a custo podiam resistir-lhe" (Cit. Miccoli, 1991, p. 51).

Em 1115, com 25 anos, é convidado por Etienne Harding a fundar o mosteiro de Claraval na Champagne. A partir daí, e antes de qualquer outra coisa, Bernardo

será verdadeiramente o abade, o pai de todos os que procurarem a sua comunidade. Incorporou tão intensamente este papel que, ao final de sua vida, em 1153, havia fundado cerca de setenta mosteiros e tornara filiados de Cister cerca de noventa e quatro, num total de cento e sessenta e quatro novas casas, o que correspondia à metade de toda a ordem cisterciense.

Apesar de passar grande parte de sua vida doente, nunca deixará de escrever e de ensinar, além de viajar atendendo a convocações diversas. Suas obras destinam-se, de preferência, a seus monges, estimulando neles o desenvolvimento das virtudes monásticas. Bernardo é um dos principais propagandistas e mentores da cultura monacal que se consolidava e que, em expansão, buscava dominar o mundo.

### O que é o monge?

A idéia de que a vida monástica era a superior dentro do Cristianismo era bastante antiga.

São Gregório Magno, papa de fins do século VI, diante da afluência dos assuntos seculares e dos afazeres que sua condição exigia, chorava com saudades do tempo em que, como monge, estava acostumado a não pensar senão nas coisas celestes. Quando, embora retido no corpo, já havia ultrapassado pela contemplação os limites da carne:

"[...] Depois de tanta formosura do tempo da sua paz, [meu espírito] está hoje enfeiado do pó da atividade terrena. [...] Estou, pois, avaliando o que sofro, avaliando o que perdi; e, enquanto considero o que perdi pesa-me ainda mais o que suporto" (1986, p. 25-26).

A medida da paz, da felicidade, da recompensa pelos trabalhos realizados passa, assim, necessariamente pelo isolamento e o afastamento do mundo. Este é visto como oposto a tudo o que o mosteiro representa. Gregório chora, sentindo-se como aquele homem que tendo fruído, por muito tempo, de toda a felicidade que se é capaz de sentir, de uma hora para outra tudo perde, restando-lhe apenas a doce lembrança do passado.

Um pouco mais tarde, no século X, um outro monge, Abbon de Fleury, desenvolve a mesma idéia ao comentar a "Parábola do semeador". Nesta Jesus afirmava que a semente caída em boa terra é "igual àquele que ouve a palavra de Deus e a entende, e frutifica produzindo ora 100, ora 60, ora 30 por um" (Mt. 13, 23). Abbon de Fleury interpreta o sentido da parábola da seguinte forma:

"[...] uma remuneração diferente e muito concreta aguarda, no Além, os cristãos em função da sua condição: aos monges caberá cem, aos clérigos sessenta e aos leigos trinta" (Cit. Miccoli, *op. cit.*, p. 43).

Novamente a superioridade monástica é demarcada pelo seu grau de afastamento do mundo material, principalmente, aqui, no aspecto que parecia ser o mais escrivizador, o da sexualidade.

Desta forma, ao longo dos séculos, vai-se forjando a imagem dos mosteiros como uma ilha, ao largo de toda problemática humana, como um centro de santidade que, por caridade, ora pelos vivos. Os mosteiros são os "castelos de Deus", fortaleza que resiste aos ataques das hostes demoníacas, tornando os seus mora-

dores os agentes da redenção coletiva, já que contra o monacato não é possível qualquer assalto, assim como não é possível fazer mal àqueles que se fizeram monges, a não ser que regressem ao mundo secular [...]” dizia Anselmo de Bec (cit. *Ibid.*, p. 49).

O monge é aquele homem que renunciou ao mundo, decidindo-se pela virgindade, pela ascese rigorosa e que vive, graças à sua opção, com segurança, pois tem a certeza da salvação, ao contrário dos demais homens.

“Assim, quem abraça este equilibrado meio de vida, enraizado pelo voto e alicerçado pela profissão, se parece com a árvore plantada no meio do Paraíso, o único submetido à lei, sujeito a qualquer disposição” (S. Bernardo, *El Precepto y la Dispensa*, 1984, p. 253).

São Bernardo ao definir o monge, compara-o à árvore plantada no meio do Paraíso e que é justamente aquela que representa a imortalidade, de acordo com o que diz o livro do *Gênesis* (I, 22-24). Enquanto a morte a todos atinge, ela nada pode contra aqueles que já adquiriram a imortalidade por sua forma de vida.

Os monges são vistos como seres semelhantes aos anjos. A vida que levam é considerada perfeita devido “à sua renúncia total do mundo e à especial excelência de sua vida espiritual”, conforme palavras do próprio Bernardo (*Ibid.*, p. 303).

Fica clara a crença na idéia da existência de um grupo de homens distintos dos demais, situados num plano mais elevado, formando uma verdadeira elite de bem-aventurados. Estão tão ligados à imagem divina que neles já não se poderia distinguir qualquer traço de humano individualismo. O eu de cada um é esbatido de forma a ressaltar apenas o eu divino, comum a todos.

Transparece, também, a necessidade deste grupo de bem-aventurados viver exemplarmente. São Bernardo, com sagacidade, percebe que só assim a hegemonia de poder do monaquismo dentro da Cristandade poderia ser mantida, livrando-os das críticas da sociedade. Os seus textos apontam sempre para esta direção.

O caminho a seguir é difícil, cheio de desvios, encruzilhadas e perigos colocados, ali, justamente para testar a vigilância dos “eleitos de Deus”. Precisa-se de atenção e de trabalho permanentes para não se ceder diante da tentação e cair porque não existe segurança em nenhum lugar,

[...] nem no céu, nem no paraíso, e muito menos no mundo. [...] Digo isto para que ninguém se glorifique por viver neste lugar do qual se diz: “este lugar é santo”. Pois não é o lugar que santifica o homem, mas o homem o lugar. (S. Bernardo, *Sermón* 30, 1988, p. 249-251).

Estranhas palavras que coloca o homem – ser criado, diminuto, curvado sob o peso do pecado – em um lugar de destaque, como condutor do seu destino de salvação ou de perdição. Ao contrário do que poderíamos imaginar, São Bernardo não vê o mundo com um olhar pessimista. Ele acredita na possibilidade da salvação humana promovida pelo desejo divino mas realizada pela conduta do homem que, ao refletir em si a imagem do Criador, torna-se igualmente grande e poderoso.

A tarefa a ser cumprida pelo monge não é fácil, daí a necessidade de dotar o edifício monástico de sólidas bases. Para Bernardo, estas últimas estariam contidas na Regra Beneditina. No seu tratado *O preceito e a dispensa* ele aponta para o perigo de se descuidar da antiga regra. Esta sua obra é escrita por volta de 1142 em resposta a duas cartas que lhe são remetidas por monges da abadia de Saint-Père, nas proximidades de Chartres. Os monges pedem o seu conselho diante de penosa

situação: seu abade descuidara-se dos deveres como pai da comunidade e extremamente autoritário cometia uma série de desatinos. Eles desejam saber se deveriam ou não manter o voto de obediência a um tal personagem. Na resposta percebe-se, com clareza, a preocupação bernardina em reafirmar a autoridade da Regra de São Bento e a sua permanente atualidade já que "todas as prescrições de São Bento, exceto algumas sobre temas espirituais, como a caridade, a humildade, a mansidão, foram formuladas pelo próprio Deus e não por Bento. Portanto, não se pode tocá-la" (p. 243).

Imutável e eterna como o próprio Deus, a Regra Beneditina define o monge como aquele que ao renunciar a todas as formas de propriedade – inclusive a sobre si mesmo – deve viver em uma comunidade. Para o bom cumprimento da sua missão ela lhe determina e exige a obediência irrestrita, a disciplina, o silêncio, o trabalho, a pobreza e a estabilidade no lugar da ordenação.

### Os valores monásticos

Como vimos mais atrás, no tratado *O preceito e a dispensa*, o abade de Clara-val trabalha o tema obediência. O texto caminha sabiamente por entre graves questões que se não fossem bem articuladas poderiam afetar seriamente o corpo monástico já que a opinião de Bernardo sobre o problema era esperada com ansiedade. Ele não poderia nem apoiar integralmente o abade intransigente como não poderia consentir na declarada rebeldia dos monges. O que se julgava era menos a legitimidade do poder do abade e mais a da manutenção do dever de obediência dos monges diante de qualquer circunstância.

Bernardo utiliza as palavras com grande propriedade. Sua extrema erudição bíblica, seu respeito quase obsessivo pela tradição, seu conhecimento etimológico perfeito revelam-se quando quer realçar as palavras para convencer, mesmo quando se mostra contraditório. Por isto ele é capaz de afirmar que os monges não devem obedecer aos preceitos dos superiores contrários aos de Deus e que o abade não pode colocar-se acima da Regra porque um dia a professara livremente e, ao mesmo tempo, fazer uma apologia da obediência irrestrita:

"A obediência perfeita desconhece o que é a lei; não se deixa prender em suas barreiras. Não se contenta com a estreiteza da profissão. Em um mais dilatado querer, projeta-se na amplitude da caridade, para tudo o que se lhe manda com a espontaneidade e alegria de um espírito generoso e predisposto. Aqui não existem cálculos. Há, isto sim, horizontes de liberdade infinita. [...] A obediência perfeita [...] o exemplo contudente do Filho Único de Deus que se fez obediente ao Pai até a morte" (*El Precepto y la Dispensa*, p. 253-255).

Assim, a obediência perfeita tem como exemplo máximo o Cristo obediente até o sacrifício final, não por imposição mas pela livre escolha do amor. Portanto, a obediência antes de ser subserviente e triste é alegre e espontânea. Antes de se constituir em uma amarra é leve como a liberdade.

Além de seguir a obediência, o monge deve caminhar pela trilha que conduz à humildade e à paciência. Diversos são os sermões que nosso santo dedica ao seu estudo. No de número trinta e quatro sobre o *Cântico dos Cânticos* diz que só a verdadeira humildade eleva aquele que aspira ao mais sublime mas só se ela nascer da vontade e não da tristeza ou da necessidade (1987, p. 503). No *Sermão 42*

sobre o *Cântico dos Cânticos*, ao retomar o tema declara que a humildade voluntária surge dentro de cada um de nós não pela imposição da verdade, mas pela infusão do amor, porque nasce do coração, do afeto, da vontade (*Ibid.*, p. 575).

A humildade exala um perfume inigualável que chega até o céu fazendo com que Deus, o Senhor Altíssimo, volte sua atenção para ela e se fixe nela com clemência, pois

"[...] com razão este clamor dos humildes sobe até aquele cuja mansão é fonte de piedade, cuja doçura é familiar, cuja bondade lhe é consubstancial. Tudo quanto possuem procede do Pai: toda sua régia majestade é paternal e nada pode intimidar os humildes" (*Ibid.*, p. 579).

Poderíamos aqui continuar apresentando até a exaustão os textos em que o nosso monge perfeito discorre sobre a humildade; escolhemos um onde ele descreve a humildade perfeita porque a do próprio Deus encarnado:

"Assim caríssimos, perseverai no ensinamento que recebestes: elevai-vos mediante a humildade. Esse é o caminho, não há outro. [...] Só a humildade exalta, só ela conduz à vida. Sendo Deus, o Cristo não podia crescer, pois não há nada além de Deus. Ele encontrou, por isso, o modo de crescer, e o fez descendo, encarnando, sofrendo, morrendo, para evitar-nos a morte eterna" (*Sermón II sobre la Ascensión*, 1986, p. 136-149).

Não é por acaso que este sermão exaltatório da humildade tenha sido escrito para a festa da Ascensão do Senhor. Bernardo, com propriedade, usa a idéia de elevação tanto no sentido literal – a do Senhor que subia aos céus – quanto no figurado – o do humilde que é glorificado.

Foi por amor que Cristo desceu à Terra, se fez homem, obediente ao Pai, a todos os sofrimentos se submeteu, humilde padeceu necessidades. Foi pequeno e pobre, também.

Chegamos a outra das virtudes monacais, a pobreza, que como suas companheiras só vale se for voluntária, objeto da vontade humana. É bom termos sempre isto em mente, pois no século XII, século do grande progresso da Europa em todos os campos, alarga-se o fosso entre os pobres – os que sofrem de carência material – e os beneficiários do crescimento econômico; e a verdadeira pobreza, fruto da desigualdade social e econômica deixa de ser ignorada já que se torna incomodamente visível.

Todavia, é preciso distinguir com precisão a pobreza que é um doloroso fardo, porque não desejada e sim imposta pela sociedade injusta – ou ainda como castigo de Deus – daquela do monge, fruto da sua vontade. De um lado há o pobre insatisfeito com a sua situação, do outro tem-se o monge – homem de origem nobre – que, por amor a Deus, ao seu chamamento, tudo abandonou e escolheu a via de sofrimentos que a pobreza proporciona. "Que outro significado pode ter a frase: 'Dá tudo o que tens aos pobres e segue-me', senão o de faze-te monge?" pergunta, ou melhor afirma convictamente Pedro o Venerável, abade de Cluny, em carta a São Bernardo (*Epistola* 28, Cit. Miccoli, *op. cit.*, p. 53).

O conselho dado por Jesus ao jovem rico que queria alcançar o Reino dos Céus e que é retomado no exemplo acima, remete-nos à idéia já nossa bem conhecida, do mosteiro como o caminho mais seguro para a salvação. O prêmio da pobreza é a vida eterna e Bernardo não se esquece de lha recordar ao bispo Atton de Troyes, numa carta de 1130. O bispo abandonara a vida de luxo levada até então e

é parabenizado pela decisão. O abade de Claraval aproveita o ensejo para fazer o elogio daquela que, cerca de sete décadas depois, transformar-se-á na querida Dama do Pobrezinho de Assis:

“É realmente um título nobre a pobreza, o próprio Deus a fez mais estimável com estas palavras: ‘Eu sou um homem que experimentei a pobreza.’ Este título te enobrece e distingue mais que todos os tesouros de um rei” (*Carta 23*, 1990, p. 165).

Obediência, humildade, pobreza juntamente com o silêncio, o trabalho e a estabilidade são os elementos predominantes da ascese nas ordens neo-monásticas do século XII. O exercício dessas virtudes visa, principalmente, a união com Deus desenvolvendo a vida espiritual nas almas. O mosteiro é para um cisterciense como um ateliê, uma oficina aonde “os cristãos desejosos de praticar esta arte difícil retiram-se, desligando-se de tudo o que não está diretamente orientado para este fim” (Merton, 1953, p. 685).

A vida espiritual só se realiza na contemplação. E o que se busca nela? Chegar a Deus...

### **A busca de Deus e o Paraíso alcançado**

Chegar a Deus, o supremo ideal, é o grande prêmio para os perseverantes. Ser um homem de Deus durante a peregrinação pela vida é o que Bernardo deseja para si e seus companheiros ao longo de toda a sua existência.

E é perseguindo este objetivo, pacientemente, que São Bernardo escreve as suas páginas mais belas, na verdade de rara beleza, para tentar definir a divindade.

Os oitenta e seis sermões sobre o *Cântico dos Cânticos* são na verdade dedicados a Ele. Nosso santo faz o elogio da união mística entre o Esposo e a Esposa, isto é, entre a alma humana e seu criador. Como não pode deixar de ser, toda a exaltação mística é monástica. A contemplação assume papel de destaque e é através dela que a Esposa pode perceber o Esposo. São páginas belas, de profundo misticismo, transbordantes de amor onde toda a cultura bíblica de São Bernardo, um autêntico sucessor dos Padres da Igreja, se revela:

“Em meu leito busquei pelas noites o amor de minha alma” (*CC*, 3,1). É um grande bem buscar a Deus; eu não conheço outro semelhante para a alma. Este é o primeiro dom que se recebe e o último a se conseguir plenamente. Não se parece com nenhuma virtude e nenhuma a supera. [...] Qual é o limite para buscar Deus? [...] Eu creio que nem ainda quando O encontrarmos deixaremos de buscá-Lo. Não se busca Deus no movimento, mas desejando-O. E o feliz encontro não extingue os santos desejos: prolonga-os” (*Sermón 84*, 1987, p. 1035).

A busca é necessária porque o homem se extraviou de Deus. E durante toda a sua existência só pode suspirar pela volta a Ele:

“A alma busca o Verbo, mas antes o Verbo a buscou. De outro modo, uma vez que há fugido da presença do Verbo [...] não poderia voltar seus olhos para o bem se o Verbo não a chamasse de novo. Nossa alma não é mais que um alento fugaz, que se não torna, cai abandonada a si mesma. Escuta-a, fugitiva e errante. Homem, queres voltar? Se tudo depende da tua vontade por que pedes auxílio? [...] De onde vem esta vontade? Se não me engano, do Verbo, que já a tem visitado e buscado” (*Ibid.*, p. 1037).

Mas, esta volta também é desejada por Deus, como fica patente no texto, e é Ele quem inflama este desejo no homem. Nota-se, também, o eco da mensagem de que muitos seriam os chamados mas poucos os escolhidos. Deus dirige o seu apelo a todos, porém só um pequeno número O ouve, justamente aqueles que tudo abandonam para ir ao seu encontro na solidão, ouvindo o silêncio do claustro.

Definir Deus é a tarefa a que se impõe no Livro V do seu tratado *Da consideração* que escreve dedicado ao papa Eugênio III. Penetrar no mistério de Deus e poder apresentá-lo ao homem é o que deseja Bernardo. Quase como um *leitmotiv* ele pergunta dez vezes: Que é Deus? numa amorosa obsessão:

- 1 - "Que é Deus? O princípio: esta é a resposta que deu de si mesmo" [...];
- 2 - "Que é Deus? O que ultrapassa os tempos, mas não os anula nem os identifica com Ele" [...];
- 3 - "Que é Deus? Aquele de quem tudo procede" [...];
- 4 - "Que é Deus? O melhor que se pode conceber" [...];
- 5 - "Que é Deus? Com relação ao Universo, o seu fim; quanto aos eleitos, sua salvação; quanto ao que respeita a Ele mesmo, só Ele o sabe" [...];
- 6 - "Que é Deus? Vontade onipotente, força cheia de benevolência, luz eterna, razão imutável, felicidade infinita, criador das almas para fazê-las participes de Si mesmo" [...];
- 7 - "Que é Deus? É também castigo dos soberbos e glória dos humildes" [...].

Contudo, a parte mais significativa é a final, quando por mais três vezes faz a indagação:

"Que é Deus? Extensão, amplitude, altura e profundidade [...] Que é Deus, então? Deus, eu já te disse, é extensão. O que se pode entender por extensão? A eternidade, cuja extensão é tal que não conhece limites nem no tempo nem no espaço. Deus também é amplitude e o que se pode entender por amplitude? O amor. Que barreiras pode encontrar o amor em um Deus que não se aborrece com nada do que criou? [...] Que é Deus? Deus é altura e profundidade [...] Considera que a altura é o poder de Deus e a profundidade, a sua sabedoria [...]" (*De la consideración*, 1984, p. 187-233).

Tensão, angústia, por vezes transparecem diante da impossibilidade de obter uma definição completa, mas ao final sobrevêm a calma e a paz anunciadas.

Deus aparece como a única realidade, indefinível na sua verdadeira natureza, tal como é, já que só se pode observá-Lo a partir dos seus reflexos e dos símbolos. Bernardo acredita que no dia em que O pudermos ver face a face é que, então, finalmente, saberemos como é e - glória das glórias! - tornar-nos-emos tal como Ele é. Ao perdermos a identidade, mergulhando em Deus, é que chegaremos ao fim da busca.

Mas o que fazer, enquanto tal momento não chega e o pesado fardo da carne obriga o monge a relacionar-se com o mundo?

### **O monge fora do claustro**

O ideal monástico determinava a permanência no claustro e abominava o monge que, por algum motivo, o abandonasse. Longe do claustro a função do monge é chorar, diz Bernardo de Claraval em carta a Henrique de Mogúncia, em 1146, pois "a cidade é para ele um cárcere e seu paraíso está na sua solidão" (*Carta 365*, 1990, p. 1055-1057). Apesar disto inúmeras vezes não só ele foi obrigado a abandonar a sua querida Claraval como a se intrometer em assuntos seculares.

Mas, e no século, diante dele, qual seria a função do monge além daquela já tradicionalmente aceita a partir da difusão da ideologia das três ordens e que era orar pelos vivos e pela sua salvação? Mais uma vez é Bernardo quem nos responde, menos pelos seus escritos e mais pela sua ação. Ele exorta, exemplifica, converte, guia todos, sejam monges, clérigos ou leigos.

Se até para um monge é preciso manter estreita vigilância para não ceder à tentação e cair, o que se pode esperar dos leigos, incessantemente sujeitos aos apelos do mundo e a quem se deve converter? A atuação de Bernardo no século, pelo que fica patente nas fontes, deve-se mais a um conjunto de circunstâncias que o empurram para fora de Claraval do que a uma escolha própria.

Freqüentemente é solicitado a ir, em pessoa, resolver querelas, apaziguar conflitos, convencer. Mas só sai do seu mosteiro por ordem do Papa. Em 1146, vai a Vezelay e diante do rei da França, altos dignitários do reino e povo prega com retumbante sucesso a Segunda Cruzada. Em carta dirigida a Eugênio III, o papa, não hesita em reconhecer o fascínio que produz nos outros:

"Falei, preguei e o número deles (os cruzados) multiplicou-se. As cidades e os castelos estão desertos, é quase impossível encontrar um único homem entre sete mulheres; por toda a parte há viúvas de maridos vivos" (*Carta 247*, 1990, p. 793).

Contrariamente ao que se poderia pensar, São Bernardo não se opõe à vida laica, pois acredita que tanto os religiosos como os leigos estavam a serviço de um mesmo Senhor. Todos são necessários, dentro da ordem em que se situavam, ao funcionamento e à segurança da cidade de Deus, formando uma mesma realidade, a Igreja (*Carta 490*, Cit. Leclercq, s.d., p. 26). Notemos que, aqui, ele usa a palavra Igreja no seu sentido primitivo, como o corpo de Cristo do qual faziam parte todos os fiéis sem distinção.

O objetivo de Bernardo não é o de tornar um mundo um mosteiro, pois tinha plena convicção de que este último se destinava a um grupo de elite, escolhido especialmente por Deus para atuar na direção da sociedade humana. Por isso, trata com caridosa consideração os que não tiveram a mesma sorte que a sua. São seres que devem ser convertidos e permanentemente vigiados na sua fraqueza. O monge é um ser superior e o abade de Claraval sabe, como ninguém, representar este papel diante de todos, monges ou não.

Tem a palavra certa para cada um. Dirige-se às mulheres com que mantém correspondência epistolar – nobres e religiosas – como um amigo carinhoso ao falar dos filhos, da saúde, dos problemas cotidianos.

Aos camponeses, segundo seu grande amigo e biógrafo Godofredo d'Auxerre, indicava o caminho da solidariedade, ensinando-lhes a emprestar, sorrindo, o pão ao vizinho que com a lida não tivera tempo de prepará-lo (Cit. Leclercq, *op. cit.*, p. 27).

Diante dos poderosos mostra-se respeitoso mas não titubeia em recordar-lhes os seus deveres para com a comunidade. Repreende o rei Luis VII da França pelo estado de injustiça que imperava no reino e que fazia sofrer a Igreja: "Deus não permitirá que sua Igreja seja pisoteada por mais tempo por vós nem por vossos sequeles" (*Carta 226*, 1990, p. 719).

Exorta à prática da humildade os patriarcas de Antioquia e de Jerusalém, sem se importar por ousar admoestar dois personagens eclesíasticos tão ilustres (*Cartas 392 e 393*, 1990, p. 1111-1121).

Defende o papa Inocêncio II quando este é exilado de Roma, não descansa enquanto não o vê restabelecido no trono pontifical, porém, não o desculpa, em outra ocasião, por permitir que alguns religiosos cometessem arbitrariedades em seu nome atingindo os bons e verdadeiros clérigos:

"É voz unânime entre todos os que entre nós presidem e servem fielmente aos povos, que se extingue a justiça na Igreja, são reduzidos a nada os poderes da Igreja, perde todo o seu vigor a autoridade episcopal [...] A culpa é dirigida a vós e à Cúria romana. Segundo dizem, anulais os que agem retamente e legalizais os que invalidam a justiça" (*Carta 178*, 1990, p. 599).

Sua relação com o papa Eugênio III é das mais interessantes. Nunca abandonou a postura do pai que educa o filho, apesar de afirmar o contrário, pois Eugênio havia sido seu discípulo em Claraval e sua eleição ao trono pontifical ocorrera graças ao prestígio de que Bernardo desfrutava. Isto é tão evidente que, em uma de suas missivas, nosso santo confessa com simplicidade surpreendente: "Dizem que não sois o papa, mas eu; e de todas as partes chegam a mim com problemas" (*Carta 239*, 1990, p. 757). Contudo, quando Eugênio não segue a orientação recebida do antigo mestre, este esquece-se da atual situação do pupilo, à cabeça da Igreja, e não hesita em lhe puxar as orelhas: "Que fizestes? Haveis coberto de confusão o rosto de um homem respeitabilíssimo e a quem louvava a Igreja haveis humilhado diante da Igreja" – é o que diz a respeito da sentença pronunciada contra o arcebispo de Reims, Sansão (*Carta 247*, 1990, p. 791).

Mas, em tudo que faz ou diz, na forma como se relaciona tanto com os de dentro como os de fora de Claraval, um princípio o move sempre, o amor. "Não é absurdo dizer que Deus vive segundo uma lei que é o amor" escreve ele aos religiosos da Cartuxa (*Carta 11*, 1990, p. 135). E Bernardo sempre ama, mesmo quando parece agir em desacordo com o amor. Porém devemos compreender, é o amor ao seu mundo, que ele considera perfeito e imutável.

Bernardo é um rígido defensor do *status quo* vigente – é o estado de coisas desejado por Deus e por isto não pode ser alterado – não se detendo ou intimidando diante de tudo aquilo que considera injusto ou o que pode perturbar a ordem e a hegemonia da Igreja no mundo.

É, portanto, dentro deste quadro que devemos compreender sua atitude diante de Abelardo e de Arnaldo de Brescia, dois mestres do seu tempo e que, graças à sua incansável ação, são condenados como hereges.

Em relação a Arnaldo de Brescia, deixando de lado a brandura e a cordialidade, não hesita em usar fortes palavras e imagens:

"Dizem que Arnaldo de Brécia, cuja conversa é como o mel e a doutrina fel, este monstro com cabeça de pomba e cauda de escorpião, que Brécia vomitou, Roma vê com horror, a França expulsou, a Alemanha abomina e a Itália não quer receber, encontra-se perto de ti".

escreve, em 1142, ao legado Guido para que este não asilasse aquele que considera como herege por suas doutrinas (*Carta 196*, 1990, p. 647).

Quanto a Pedro Abelardo, no seu opúsculo *Os erros de Pedro Abelardo* (1984, p. 525-572), endereçado ao papa Inocêncio II, exprime toda a sua indignação pelo uso que aquele faz da dialética na Ciência Sagrada e vigorosamente argumenta, fundamentado pela certeza de que está ao lado da verdade, contra as idéias do seu oponente. Bernardo representa a cultura tradicional monástica, cujo edifício fora construído ao longo dos séculos sem encontrar oposições, enquanto Abelardo configura o "intelectual urbano" que nascia e cujo sistema de valores, se bem que cristão, organiza-se em outras bases.

O abade de Claraval é incapaz de compreender e aceitar aquilo que Abelardo representa: o novo, a novidade que carrega em seu bojo o germe da curiosidade e do espírito especulativo. A idéia de Deus como fonte de todo o conhecimento parece estar ameaçada e urge deter aquilo ou aquele que poderia abalar todo o antigo edifício do saber: "Este homem [Abelardo] busca sempre novidades e se não as encontra, as inventa, dando idêntico valor ao que é, como ao que não é" (p. 533), escreve ele ao papa Inocêncio. Ora, Abelardo é criticado e denunciado por inventar!

Buscar através da razão argumentos para explicar artigos que somente a fé pode justificar é outro absurdo inimaginável: "Existe algo mais sem razão que tentar superar a razão somente com as forças da razão?" (p. 531).

Só pode ser sinal de estupidez, pois "no umbral da sua teologia [de Abelardo], para não dizer 'estultologia' diz que a fé é uma opinião [...]. A fé não é uma opinião, mas uma certeza" (p. 543). Vemos São Bernardo fazer trocadilhos e neologismos!

Outro imenso perigo no seu entender é a utilização de autores pagãos na reflexão cristã, já que para o pensador cristão bastam a Sagrada Escritura e os comentários dos Padres da Igreja: "Empenha-se Abelardo em cristianizar Platão e o que faz é tornar-se, ele mesmo, um pagão" (p. 545).

É preciso, pois, eliminar qualquer fonte de divergência interna no interior do monaquismo e, por extensão, da própria Igreja. Abelardo é condenado como herege, em Sens, por sua postura e suas idéias e acaba seus dias como penitente em um priorato pertencente a Cluny.

A vitória de Bernardo e conseqüentemente do tradicional sistema de valores monacais apenas encobria um problema maior, nascido no próprio interior do edifício monástico, no coração dos próprios monges...

### **A humanidade negada se revela**

Tensões internas no mosteiro, rivalidades entre as ordens monásticas, preocupações materiais... O Paraíso monacal, ideal construído tão habilmente por séculos acaba também por revelar um seu outro aspecto, quase sempre minimizado, mas igualmente importante.

Na carta que abre o volume da correspondência epistolar de São Bernardo este escreve, em 1125, a seu sobrinho Roberto que trocara a ordem de Cister pela de Cluny. As palavras que utiliza para se referir a Cluny e seu estilo de vida podem chocar alguns, já que querendo ou não o meio é o mesmo, o do monasticismo.

Cluny e seus monges são comparados ao lobo com pele de cordeiro que seduz com vãs palavras e mentiras...

"Atraem-no para si, acariciam-no, lisonjeam-no e, pregando-lhe um evangelho novo, recomendam-lhe a embriaguez e condenam a sobriedade, fazem-lhe ver que a pobreza voluntária é uma vida mísera e chama de loucura o jejum, as vigílias, o silêncio, o trabalho manual. Também, qualificam como contemplação a ociosidade e consideram como discrição a voracidade, a charlatanaria, a curiosidade e outras intemperâncias" (*Carta 1*, 1990, p. 47).

A ordem cluniacense é acusada de desregramentos vários motivados pelo crescimento exagerado que sofrera ao longo do século XI e ao enriquecimento excessivo.

Bernardo reitera, inúmeras vezes, ao longo da carta o convite a Roberto para retornar a Claraval, ao seu paraíso, lugar onde se encontrava a Verdade, onde sairia vencedor do duro combate: "Levanta-te, soldado de Cristo; levanta-te, sacode a poeira, volta à batalha da qual fugiste... e seu triunfo será mais glorioso" (p. 57).

Apesar de acusar Cluny pelo desvio nos ideais monásticos, passado este episódio e, quem sabe, agindo de acordo com a "consciência de classe", ou melhor, o "corporativismo" monacal, Bernardo corresponder-se-á amigavelmente com Pedro o Venerável. O epistolário entre eles mostra uma identidade de pensamento e de propósitos entre os dois homens que, apesar de estarem em ordens rivais, sabiam respeitar-se e admirar-se mutuamente.

Em 1145, escreve a Pedro o Venerável, desta vez por uma situação contrária, sobre o monge Galchero de Cluny que se passara para Cister:

"Vosso filho e irmão Galchero converteu-se em filho meu, e assim todo o meu é teu e o teu meu. Que não seja menos amado pelo fato de pertencer a ambos, ao contrário, em virtude desta graça seja agora mais querido e estimado para mim porque é vosso e para ti porque é meu" (*Carta 267*, 1990, p. 851).

Tomando como exemplo o que acontecera a Cluny – durante a gestão de Pedro o Venerável recuperou parte do seu prestígio – e sua própria experiência como abade, São Bernardo sabe que é preciso manter vigilância permanente, de forma a impedir a decadência do monaquismo. Por isto, quando Suger de St. Denis, outro famoso abade da época abandona o luxo das vestimentas e o fausto do seu séquito congratula-o pela decisão, lembrando-lhe que só por ter mudado de atitude já se aquietaria a indignação geral! (*Carta 78*, 1990, p. 287).

O rigorismo exarcebado das novas ordens levava a que muitos jovens que sentiam verdadeira atração pelo ideal de santidade e da vida do mosteiro, aí não conseguissem permanecer por muito tempo. As cartas de São Bernardo relatando estes casos são numerosas. Devido à dificuldade de se regressar ao estado laico, a tendência é que os trânsfugas retornassem passado certo tempo, sendo submetidos a duras penitências de regeneração. Daí por que muitos preferiam mudar de ordem na tentativa de fugir ao castigo ou de viver sob uma regra mais branda.

No caso de Roberto, sobrinho de Bernardo, este último reconhece a sua parcela de culpa no caso:

"É certo que a culpa de tua saída é minha. Porque fui muito severo com um terno adolescente; tratei com dureza desumana a um jovem [...]. Mas eu poderia desculpar-me e explicar-te que era necessário coagir as paixões da tua adolescência lasciva e vencer a idade difícil com uma disciplina dura e áspera [...]" (*Carta 1*, 1990, p. 43).

O cumprimento do programa de virtudes monásticas era difícil, destinada a uns poucos super-homens, não para a maioria. Bernardo erra ao ser excessivamente

te exigente, exorbita no tratamento concedido ao jovem, mas seu erro é amoroso. Como vimos mais atrás, Bernardo age impulsionado por amor, amor ao sobrinho e ao monaquismo.

Os enganos cometidos e os problemas surgidos conduzem à consciência dos limites do ideal monástico. Apesar de destacar-se ideologicamente do restante da sociedade, o monaquismo era uma instituição terrena, formada por homens, moldada, portanto, por homens revestidos de carne, desta carne que tanto se quer abafar. Doenças, afetos, ausências, decepções, críticas: Bernardo sofre com tudo isto como qualquer ser humano.

Há dois momentos em sua vida, bastante tortuosos para sua sensibilidade, onde sua condição de homem é ressaltada. Golpeado pela dor, por ocasião da morte de seu irmão Gerardo, não se envergonha de revelá-la. É o homem que se mostra inteiramente no seu sofrimento, é o crente e religioso que, apesar de acreditar na ressurreição da carne não se conforma com a separação imposta aos que se amam: "Sabeis, filhos meus, quão profunda é minha dor [...]. Por que me levaram das mãos este homem tão igual a mim, um homem que era como meu coração? Amamo-nos tanto em vida e agora nos separa a morte?" (*Sermón 26*, 1987, p. 371).

O segundo é diante do fracasso da Segunda Cruzada que tanto incentivara. Responsabilizado pela fragorosa derrota dos cristãos, dirige-se infeliz e perplexo a Eugênio III sem entender direito por que isto acontecera. Se tudo é porque Deus quer, por que Deus quis, assim? Seria castigo? "Pregamos a paz onde não havia paz; prometemos felicidade e nos veio o caos [...]. Por que [...] Deus não ligou? (*De la consideración*, 1984, p. 43).

A perplexidade de Bernardo, por um átimo, pôde ter dado lugar à dúvida, mas este logo se recompõe e procura entender os estranhos caminhos que o Senhor utiliza para mostrar ao homem a sua vontade, estranhos mesmo para aqueles que, por sua condição especial, julgam estar-lhe mais próximos, os monges.

## Conclusão

Mesmo confuso diante dos insondáveis desígnios de Deus ou do mistério avassalador e terrível da morte ou, ainda, agindo em desacordo com o princípio do amor que tantas vezes pregara ao sentir-se ameaçado, São Bernardo não se afasta nunca da missão a que se propôs, ser um homem de Deus, um monge. Um dos grandes pilares do seu pensamento e da sua ação é a idéia de que a grandeza da criatura humana reside na sua qualidade de ser imagem de Deus, seu criador, "quão grande é o homem!" (*Sermón 14 sobre el salmo 90*, 1985, p. 585).

Mas, para chegar-se até Deus só havia um caminho seguro, o do monaquismo, cuja disciplina chamou de "Segundo Batismo" por transformar homens em anjos.

É, portanto, como anjos gozando em vida já das delícias do céu que Bernardo e outros tantos apologistas do monaquismo se percebiam. O mosteiro é a antecâmara do céu, é o próprio paraíso, a Jerusalém celeste:

"Vosso Felipe, desejando marchar para Jerusalém (a terrena) deu com um caminho mais curto e chegou logo onde queria. [...] Entrou na cidade santa [...] é seu morador devoto, inscrito em Jerusalém, mas não na terrena [...] e sim na livre, a de cima, que é nossa mãe. E se quiserdes saber qual é, é **Claraval** (grifo nosso). [...] Escolheu-a como morada porque nela reside, não a visão, mas a vivência da própria paz" (*Carta 64*, 1990, p. 247).

O monge é um ser predestinado, assim como os santos com quem goza da paz celeste, da paz de Deus. Deste Deus que, mesmo confundindo, por vezes, os seus eleitos, continua a ser o grande ideal, a grande meta de toda a existência humana, o princípio e o fim de todas as coisas.

Desta maneira, o monaquismo pôde confirmar e justificar sua ascendência sobre todas as outras instituições religiosas e sobre toda a sociedade medieval reunida sob a alcunha de Cristandade.

## Bibliografia

- BERNARDO DE CLARAVAL, S. *Obras Completas*. Vol. II - *Tratados*. Madrid: BAC, 1984.  
———. *Obras Completas*. Vol. III - *Sermones Litúrgicos*, 1ª Madrid: BAC, 1985.  
———. *Obras Completas*. Vol. IV - *Sermones Litúrgicos*, 2ª Madrid: BAC, 1986.  
———. *Obras Completas*. Vol. V - *Sermones sobre el Cantar de los Cantares*. Madrid: BAC, 1987.  
———. *Obras Completas*. Vol. VI - *Sermones Varios*. Madrid: BAC, 1988.  
———. *Obras Completas*. Vol. VIII - *Cartas*. Madrid: BAC, 1990.  
GREGÓRIO MAGNO, S. *Vida e milagres de São Bento*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1986.  
LECLERCQ, J. *São Bernardo e o espírito cisterciense*. São João da Boa Vista: Gráfica A Cidade, s.d.  
MERTON, Th. (Pref.) *Bernard de Clairvaux*. Paris: Editions Abatia, 1953.  
MICCOLI, G. "Os monges" In: LE GOFF, J. (org.) *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1991. pp. 33-56.  
SANTOS, Luis Alberto Ruas. *Bernardo de Claraval, um monge que se impôs a seu tempo*. Itaporanga: Abadia Cisterciense de Claraval, 1990 (mimeo).  
VAUCHEZ, A. "Saint Bernard, un prédicateur irrésistible". In: DELORT, R. (org.) *Les croisades*. Paris: Seuil, 1988. pp. 45-54.